

O que é a síndrome da abelha operária? Conceito explica como acontece a invalidação das mulheres no mercado de trabalho

Deh Bastos estudou por anos os problemas de ser mulher em um ambiente profissional hostil até chegar na 'Síndrome da Abelha Operária'. A Marie Claire, a comunicadora reflete sobre as imposições sociais que limitam mulheres a função operacional, impossibilitando-as de alcançar cargos mais altos

Por **Lívia Maria, redação Marie Claire** — de São Paulo (SP)

01/12/2024 05h08 Atualizado há uma semana



‘Síndrome da Abelha Operária’: o diagnóstico da sobrecarga e opressão feminina no mercado de trabalho Foto de ANTONI SHKRABA production no Pexels

Há alguns anos, **Deh Bastos** se viu em um papel operacional dentro do mercado de trabalho, sempre abraçando tudo como uma oportunidade de se provar, testando até qual ponto essa sobrecarga seria suportável e constantemente se questionando: “Sou boa o suficiente?”.

A partir daí, a palestrante começou um processo de autodiagnóstico sobre como se sentia no ambiente profissional. Foi assim que desenvolveu o conceito da Síndrome da Abelha Operária: “Escolhi esse nome porque é assim que me sinto e vejo outras mulheres se identificando. Como abelhas operamos muito para servir quem está em cargos altos, sem sentir que aquela posição poderia ser nossa”, reflete, em entrevista para *Marie Claire*.

Durante a pesquisa, Bastos notou a síndrome como uma manifestação latente no ambiente profissional daquilo que é a base de sua teoria: desde o nascimento, na adolescência, no casamento e na maternidade, mulheres estão inseridas em um sistema onde são orientadas a operar funções, sem verbalizar pensamentos, ao menos, é claro, que estes sejam validados pelos dominantes do espaço.

“Como ‘portadora da síndrome’, dentro do ambiente criativo vi, por vezes, minhas ideias serem discutidas 10 ou 15 vezes mais, porque meus colegas homens me viam nesse papel de fazer, de ser operária, jamais na produção intelectual”, relata.

Para tornar “Abelha Operária” um objeto de estudo conhecido, era preciso olhar ao redor e não foi difícil de encontrar quem estivesse tomada por inseguranças, sobrecarga e falta de validação. “Eu fiquei chocada. Isso toca a maior parte das mulheres. O mercado não foi feito e pensado para elas”.



Deh Bastos é a comunicadora que conceituou a Síndrome da Abelha Operária — Foto: Reprodução/Instagram

“O mercado profissional faz com que eu me sinta aposentada em meus 20 anos”

Patrícia*, de 20 anos, é uma recém-chegada ao mercado. Ela é estagiária de uma grande corporação financeira. Desde o início, se viu no papel de operária passando a exercer tarefas fora daquilo inscrito em seu contrato, sem questionar o que estava fazendo e sem poder expressar opiniões em busca de ganhar uma oportunidade de crescimento.

“Percebi que nesses dois anos fiquei sobrecarregada de demandas que me davam, sem possibilidade de exibir a capacidade criativa. Por fim, fiquei tão abalada que apenas aceitei essa condição e sigo apenas operacionalizando”

Essa atitude causou outros sintomas de uma "abelha operária" em Patrícia. Prestes a se formar em Comunicação Social, ela diz não estar pronta para exercer um cargo pleno, ainda que seja uma das responsáveis por movimentar a corporação. “A procura por outros cargos me deixa estagnada. Sinto que esse é o auge de onde posso chegar. É a sensação de me aposentar com meus 20 anos. Nunca estive tão pressionada e com a autoestima tão baixa”, desabafa.

Na vivência de uma mulher no mercado de trabalho, ela enxerga até mesmo o próprio namorado como um rival inalcançável, uma vez que o medo do fracasso e a constante insistência em provar sua capacidade não parecem ser questões para quem é cercado de privilégios por conta do gênero.

“O mercado é cômodo e ele [o namorado] não sente esse desespero em ter ideias validadas, em subir de cargo, porque isso vem naturalmente. Sou a maior fã dele, mas não posso dizer que não fico com inveja ou com raiva quando penso que sou vista como menos capaz.”

“Sou a minha chefe mais cruel”

Recentemente, **Thaís Valdez** realizou um sonho que antes parecia ser impossível para uma mulher no mercado corporativo: assumiu um cargo de liderança. Porém, o que para muitos seria a solução para ficar fora do papel de operária, se tornou um espaço de ainda mais cobranças.

“Neste lugar, sinto que preciso ser perfeita para me igualar. Costumo brincar que sou a pior chefe que já tive em toda a minha vida, uma bruxa! [risos] Me cobro 10 vezes mais, ajo como robô. É uma sobrecarga mental muito grande”

Thaís percebeu que, para muitas mulheres com quem conversa, apenas a ideia de tentar um cargo mais alto através de processos seletivos torna-se um verdadeiro pesadelo: “É mais comum que mulheres passem por esse terror. Querendo ou não, além das questões próprias, vêm outras, como a desigualdade de gênero, o assédio e a opressão, por exemplo.”

Uma "colmeia" sem saída

Deh Bastos aponta que o espaço operacional não é um problema, desde que assumir este cargo parta de uma decisão sem influência externa. O problema, neste contexto, é aquilo já citado a respeito da função operacional imposta à mulher desde o berço, estendendo-se por toda a sua existência: “As gerações femininas continuam a desempenhar esse papel, fazendo com que as coisas funcionem sem tomar o protagonismo para si, tentando ser três, quatro ou cinco vezes melhor”.

Por fim, ela propõe um exercício de reflexão sobre a função: “É possível deixar de ser uma abelha operária?” e já traz seu ponto de vista: “Quando ela está acostumada a sobreviver na escassez, vulnerável e socialmente pressionada a operacionalizar, dificilmente sairá desse ciclo.”



Thaís Valdez — Foto: Reprodução/Instagram